COLECÇÃO OESTE

Vítima de Traição

NESTYBOY
TRALHAS VÁRIAS
A RESTAURAR BD DESDE 2011
KMAY

Ei

ORLAND GARR

COLECÇÃO OESTE

Vítima de Traição

Ei

ORLAND GARR

colecção OESTE-120

VITRINA DA TRAIÇÃO

colecção OESTE

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:

111 — A ABOTOADURA DE CHUMBO, por M. L. Estefania
112 — DOUTOR DICKSON, por M. L. Estefania
113 — POVOS FRONTEIRIÇOS, por Fidel Prado
114 — UM SULISTA!, por M. L. Estefania
115 — COM O NOME DE OUTRO, por Keith Luger
116 — ZORRO CINZENTO, po Tex Taylor
117 — PASSAGEM DE PISTOLEIROS, por A. Rolcest
118 — FUMO NO HORIZONTE, por A. Rolcest
119 — «JOHNNY TIGRE», por M. L. Estefania
120 — VITIMA DA TRAIÇÃO, por Orland Garr

A seguir:

121 — O MISSISSIPI EM VERMELHO, por Sam Fletcher

Reservados todos os direitos para a Língua Portuguesa em conformidade com a lei em vigor

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE BERTRAND (IRMÃOS), LDA.—TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 7 — LISBOA

ORLAND GARR

VITRINA DA TRAIÇÃO

TRADUÇÃO DE

ED. MOTRENA

EDITORIAL IBIS, LDA.

Rua Henrique de Paiva Couceiro
Venda Nova — AMADORA

outras colecções
do OESTE
publicadas pela

Editorial IBIS, Lda.

COLECÇÃO
- **CALIFÓRNIA**

COLECÇÃO
- **KANSAS**

COLECÇÃO
- **«COLT»**

COLECÇÃO
- **COLORADO**

PREÇO: 8$00

Volumes «Extra» — Preço: 12$50

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

CAPÍTULO I

As três detonações soaram ao mesmo tempo, como se se tratasse de uma só.

Ouviu-se um clamor geral.

O jovem forasteiro ganhara brilhantemente o prémio, triunfando dos seus adversários.

Jimmy Barton sorria satisfeito, sem sentir orgulhoso, pois tinha confiança nas suas aptidões.

A sua prodigiosa rapidez e a sua pontaria certeira tinham causado o assombro dos habitantes de Willow Ground, a pequena cidade do Kansas.

O acaso levara-o ali, dois dias antes do rodeio e tivera tempo de inscrever-se.

E acabara por sair vencedor.

Jimmy dava pouca importância ao dinheiro.

Bastava-lhe ter cinco ou dez dólares no bolso.

De espírito aventureiro, saltava de um Estado para outro.

E quando não tinha esses cinco ou dez dólares no bolso, pedia trabalho em qualquer rancho, onde era sempre bem acolhido por um dos melhores vaqueiros.

Agora estava quase rico. Possuia quarenta dólares e ia receber mais cem do prémio estabelecido.

As felicitações partiam de todos os lados, até mesmo dos seus adversários.

O xerife aproximou-se dele:

— Felicito-o, meu rapaz. É um grande atirador. Confesso que nunca vi igual.

E entregou-lhe o prémio pecuniário.

— Obrigado, senhor xerife.

— Felicito-o, senhor Barton!

Jimmy voltou-se, e viu na sua frente uma linda rapariga, de feições correctas, olhos e cabelos pretos.

— É uma grande honra para mim, senhorita. Agradeço-lhe deveras.

— Sou a presidente da Liga de Beneficência de Willow Ground. Ficar-lhe-íamos muito gratos, se fizesse um donativo.

Jimmy enrugou a testa. Que tinha ele a ver com a Beneficência?! Dominou-se, porém, ao compreender que a jovem notara o seu assomo de contrariedade.

— O senhor não é obrigado a dar nada. Mas é um costume dos vencedores dos concursos.

— Ah! Se é um costume, não serei eu quem o quebre. Quanto devo dar?

— Isso é da vontade de cada um.

Jimmy meteu a mão ao bolso e

separando do dinheiro dez dólares, entregou-lhos.

— Muito obrigada. Vê-se que é um cavalheiro generoso.

E dando meia volta, afastou-se, seguida das três damas de idade, que a acompanhavam.

Jimmy coçou a cabeça. Afinal, fora muito imbecil. Se tivesse dado cinco dólares, teria feito a mesma figura e o agradecimento seria idêntico.

Procurou esquecer aquilo.

No fim de contas, ainda lhe ficavam cento e trinta dólares. Encolheu os ombros.

Quando entrou no «saloon», vários homens saudaram-no e felicitaram, como se o conhecessem de longa data. Bebeu duas cervejas para refrescar as goelas. Depois, saiu, passeando tranquilamente pela rua Maior da cidade.

De súbito, viu a atraente figura da jovem presidente da Liga de Beneficência de Willow Ground.

Sem vacilar, foi ao seu encontro para saudá-la, com a maior cortesia.

— Boas-tardes, senhorita! Alegro-me por tornar a vê-la.

Ela olhou-o, com uma expressão desdenhosa, o que o fez irritar.

— Não sei quem o senhor é!

— Não sabe?! Mas esta manhã tratou-me pelo meu apelido...

— Não me lembro...

— Sou o vencedor da prova de tiro.

— Não me interessa... Deixe-me passar...

Jimmy ficou indeciso, exasperado por aquele desdém.

Ouviu uma voz perguntar:

— Esse vaqueiro incomodou-a, senhorita Allen?

Jimmy voltou-se e viu três homens. O que falara era alto e de aspecto elegante. Os outros tinham tipo de pistoleiros.

Embora não lhe metessem medo,

ele não queria arranjar complicações.

— Não, senhor Folley. Esse vaqueiro fez-me apenas uma pergunta.

Jimmy, porém, não se conteve.

— Se eu tivesse incomodado a senhorita, que aconteceria, Folley?

— Receberia um castigo que merecia...

— Tem a certeza disso? Eu não gosto de ameaças!...

Folley crispou os lábios, num sorriso.

— Charles Wood dar-lho-ia, sem grande esforço.

Jimmy olhou o tipo assinalado. Era quase tão alto como ele, mas mais corpulento, pesado como um búfalo. Ia responder, quando ouviu a jovem dizer:

— Não se incomode, senhor Folley, por me ter procurado defender. — E continuou o seu caminho.

Folley voltou-se, acompanhando-a com a vista.

— Estou esperando uma desculpa, Folley!

Este tornou a voltar-se.

— Uma desculpa? Porquê?

— Por se ter enganado. Como ouviu, eu não incomodei a senhorita Allen...

— Eu sei bem quem você é, Barton. Bem vi, na prova de tiro. Mas não julgue, por isso, que é algum super-homem. Nós também sabemos manejar um revólver, e além disso, existe uma Lei...

— Que proíbe insultar um homem e ainda menos ameaçá-lo.

— Eu não o ameacei... Apenas o adverti do que podia acontecer-lhe.

— O senhor não compreende que esse «gorila» é inofensivo. — O rosto de Charles Wood contraiu-se numa careta horrível. Folley procurou contê-lo. — Deixe-o vir, Folley. Julga que tenho medo?

Com um urro formidável, de bra-

ços pendentes, como um gorila, Wood avançou para Jimmy que o esperava firme. O que se passou foi i n a u d i t o, quase inacreditável. Quando o brutamontes ia cair sobre Jimmy, este agachou-se inesperadamente, sobre os calcanhares e, com um movimento em arco, tornou a levantar-se, aplicando uma violenta cabeçada no estômago do «gorila», ao mesmo tempo que os seus dois punhos lhe massacravam o fígado e o baço. O golpe foi fulminante, de tal forma, que a mole humana caiu no solo, batendo com a cabeça numa pedra.

Todos ficaram assombrados. Parecia-lhes incrível o que tinham visto. Susan Allen parecia espantada. O próprio Folley sorriu.

— Nunca imaginei uma coisa destas! — confessou.

— Antes assim... É que nem sempre a força bruta pode considerar-se vencedora.

Muitos curiosos regozijaram-se intimamente com o que acabavam de ver, pois era bem grande o número de vítimas da brutalidade de Wood.

CAPíTULO II

Jimmy Barton ceou opiparamente.

Todos o olhavam como se fosse um verdadeiro herói nacional.

Rodeava-o uma auréola de admiração, justificada por dois factos incontestáveis: a vitória no concurso de tiro e o triunfo sobre o gigantesco pistoleiro, que derrubara num abrir e fechar de olhos.

Saboreou o café e saiu, disposto a divertir-se à grande. Não gostava de beber muito, pois considerava o álcool prejudicial para o organismo, quando ingerido em grandes quantidades. Mas naquela noite faria uma excepção.

Entrou no melhor «saloon» da cidade.

O estabelecimento, de aspecto elegante, estava cheio de clientes.

Aproximou-se do balcão e pediu um «whisky», que bebeu quase de um trago. Depois pediu outro. Mas já não o bebeu assim. Saboreou-o, pouco a pouco.

Quando foi notado, a admiração por ele aumentou e toda a gente quis que ele bebesse.

Jimmy deixou-se levar pelo seu entusiasmo e contentamento. Mas não tardou a ver que os objectos pareciam borrar-se e ter movimentos estranhos.

Compreendeu o que isso significava e não quis aceitar mais convites para beber.

— Olá, Barton! Está a divertir-se, não é verdade?

— Sim! Agrada-me o ambiente deste «saloon».

— Conseguiu g r a n d e popularidade.

— Com efeito, assim parece.

Jimmy achava aquele tipo odioso. Tinha a certeza de que ele o detestava, e, no entanto, falava-lhe sorridente. Era um bicho-mau, desses tipos de modos e falinhas suaves, que estão dispostos a atacar brutalmente, à primeira distracção. Mas, a ele, não o enganaria.

Dois indivíduos, completamente embriagados, puseram-se a cantar, a seu lado, desafinadamente. Se ele continuasse a beber, que figura também não faria! Levantou-se enojado, dando uma volta pelo estabelecimento. Viu homens a jogar, com expressões ferozes e transtornadas, raparigas, quase despidas, de modos impúdicos. Deixou-se cair numa cadeira, como esgotado. Os seus pensamentos eram lentos. Deitou o chapéu para trás e apoiou a cabeça nas mãos.

De súbito, ouviu um apelido que o fez reagir. «Tudo isso é certo, senhor Allen!». Olhou para o lado

e viu um rancheiro que cinquenta anos ou mais. As suas feições demonstravam decisão e nobreza. Sem se conter, dirigiu-se-lhe:

— Há-de perdoar-me... É o senhor Allen?!

O rancheiro fitou-o.

— Sou, sim. Sei quem o amigo é, Barton. Mas não julgava que me conhecesse!

— Não tinha essa honra, mas como conheço a sua encantadora filha...

Allen franziu a testa.

— Não gosto de ouvir falar de minha filha, num local como este...

— Perdão! Não disse nada ofensivo contra ela...

— Nem eu lho consentiria... — E Allen voltou-se.

Jimmy enfureceu-se. Não gostava de ser humilhado. Mas conteve-se. O rancheiro tinha razão. A sua intervenção fora inoportuna, e aquele homem, por ser mais velho do que ele, devia ser respeitado.

Levantou-se para se afastar, quando um dos tipos que acompanhavm Allen, disse, a rir:

— O senhor obrigou-o a entrar na razão.

Jimmy voltou-se para fitá-lo. E viu um indivíduo, de aspecto doentio, que empalideceu. Jimmy avançou dois passos e disse-lhe, com a maior calma:

— Ouça, meu caro senhor. Quando eu vejo que uma pessoa tem razão, sou o primeiro a reconhecê-lo, sem ter necessidade de me obriguem a isso... Entendeu?

Allen julgou oportuno intervir:

— Tem muita razão, Jimmy Barton. Ninguém deve falar assim de uma pessoa, por detrás.

— Muito obrigado, senhor Allen! — E Jimmy afastou-se definitivamente. Sentia-se desgostoso por aquele incidente, de que só ele fora culpado... Ou antes, o «whisky». Se não tivesse bebido tanto, nada teria sucedido. Desejava deitar-se. Es-

tava como atordoado. Mas não quis sair logo. Foi encostar-se ao balcão. Passados alguns minutos sentiu que lhe tocavam no ombro. Voltou a cabeça e viu Allen.

— Que deseja, senhor...?

— Demonstrar-lhe que não estou aborrecido consigo. — Jimmy encolheu os ombros com indiferença. — E dizer-lhe também que se portou muito bem com Ralph Greaves. Qualquer outro, no seu lugar, tinha-lhe partido os queixos.

— Afinal, eu é que fui o culpado. Não devia ter-me dirigido ao senhor nem tão-pouco falar-lhe de sua filha.

— Isso não tem importância... Mas diga-me, como a conheceu? — Jimmy referiu em poucas palavras os dois incidentes dessa manhã. — Susan tem um feitio dos demónios, mas no fundo é uma boa rapariga! — E Allen despediu-se dele, com um aperto de mão.

Jimmy alegrou-se com a atitude

do velho rancheiro, quando na realidade não tinha razão para isso. E agora tinha uma opinião diferente. Tratava-se de um homem amável e enérgico, de trato agradável.

Jimmy ainda se demorou bem uma meia hora, no «saloon». Quando saiu, o ar fresco da noite pareceu aliviar-lhe a cabeça. Apoiou-se, por momentos, a uma parede. Depois, reatou o caminho. De súbito, deteve-se, julgando ver um vulto no chão. Abaixou-se para ver melhor o que era.

Tratava-se de um homem, que haviam apunhalado pelas costas. Instintivamente voltou-o. Ficou horrorizado. Acabava de reconhecer o rancheiro Allen. Invadiu-o uma grande indignação. Endireitou-se e olhou à sua volta. Não viu ninguém. Tudo estava silencioso. Pensou, por momentos, compreendendo que devia afastar-se. De contrário, podia ver-se comprometido, se o sur-

preendessem ali. Um suor frio cobria a sua testa. Os efeitos do «whisky» quase se tinham dissipado.

Quando entrou no seu quarto, lavou as mãos, que tinham ficado ensanguentadas, lavou a cara, e depois, deitou-se, adormecendo logo.

Foi despertado, já os raios do Sol entravam pela janela. Mas, ao abrir os olhos, ficou estupefacto. Na sua frente, encontravam-se quatro homens. Um deles tinha uma estrela ao peito. Que significava aquilo?

— Vista-se, Barton!

— Para quê?

— Para prendê-lo, por ter assassinado o senhor Allen.

Foi, então, que se lembrou de tudo. O xerife estava acompanhado por dois comissários e por Barry Folley.

— Eu não matei o senhor Allen... — disse, com calma. — É certo que o encontrei caído, no chão, mas já

estava morto, posso jurá-lo. E... porque havia de matá-lo?

— Porque não deu logo o alarme?

— Talvez tivesse sido esse o meu erro...

— Mas o senhor discutiu com ele, no «saloon»...

— É falso! Troquei algumas palavras com ele. Só fui um pouco brusco para um tal Greaves, que se atreveu a insultar-me. De resto, o senhor Allen foi ter comigo, depois, e conversámos num tom amistoso.

— Tem testemunhas disso?

— Não sei. Não reparei em ninguém...

— Esse homem está mentindo, xerife! — disse Folley. — Foi ele quem matou o senhor Allen. Veja a camisa. Ainda tem manchas de sangue...

— Canalha! — gritou Barton, enfurecido, tentando atirar-se àquele. Os dois comissários contiveram-no em respeito.

— Não agrave a sua situação!

— Mas o que aquele homem disse é uma refalsada mentira, senhor xerife. É um embusteiro!

— Sou embusteiro por afirmar que você apunhalou o senhor Claude Allen?

Jimmy já não pôde conter-se. Sem que ninguém pudesse evitá-lo, os seus punhos alcançaram os queixos e o nariz de Folley, com tal violência, que este foi embater contra a parede. Depois, voltando-se para o xerife, estendeu-lhe os braços.

— Desculpe-me, senhor xerife, mas eu não pude conter-me. Esse homem é um farsante. Agora, pode prender-me.

★

O juiz Dowlais era um homem alto, magro, de rosto pergaminhado e olhar penetrante. Estava sentado em frente do xerife.

— Está certo da culpabilidade do vaqueiro?

— Tudo o acusa, embora ele negue.

— Quem sabe?! Pode estar inocente!

— Não sei. O que resta fazer é colher todos os elementos durante dois dias, para ser julgado, depois.

— Está bem. É o mais acertado.

Nesse momento, Folley apareceu à porta.

— O senhor não pode entrar.

— Porquê? Quero certificar-me de que esse homem fica preso.

— Eu não admito que ninguém duvide de mim. Saia imediatamente.

O juiz Dowlais deteve-o, com um gesto.

— Quero interrogar este homem.

— Quando quiser, senhor juiz.

Nesse momento, um homem baixo disse qualquer coisa ao ouvido do juiz, que lhe respondeu:

— Saiu, senhor Harris! Espere um pouco... — Depois, cravando o seu olhar em Barry Folley, o juiz Dowlais perguntou a este. — Como suspeitou de Jimmy Barton?

— Fui testemunha do ocorrido no «saloon». Quando soube da morte de Claude Allen, apressei-me a comunicar as minhas suspeitas ao xerife. As indagações feitas deram-me razão. Jimmy Barton é o assassino.

— Não lhe permito que fale dessa maneira, Folley. O senhor é um farsante.

— Far-se-á tudo dentro da legalidade! — disse o juiz Dowlais.

— Muito bem, senhor juiz! — concordou Harris, o homem baixo. — Desgostar-me-ia que se cometesse uma injustiça em Willow Ground.

O xerife conduziu Jimmy, para o cárcere. Este olhou à sua volta e viu ali, a maior limpeza em tudo. Sentou-se na cama e, depois de pôr o chapéu de lado, descalçou as bo-

tas, estendeu-se e levou as mãos aos bolsos. O xerife fora generoso com ele. Deixára-lhe o tabaco, os fósforos e todo o dinheiro que possuía.

CAPíTULO III

Decorreram um dia e uma noite. Jimmy tinha a certeza de que o xerife cumpriria a sua palavra.

O juiz Dowlais também lhe parecera um homem honrado e enérgico, não obstante, ele é que não estava disposto a deixar-se enforcar. Como, é que ainda não sabia. Levantou a cabeça, ao ouvir abrir a porta. Um dos comissários entrou para lhe levar o pequeno almoço, enquanto o outro ficava à porta, de arma em punho. Jimmy olhou para a bandeja e viu uma caneca de café com leite, ainda fumegante e torradas com manteiga.

— Agrada-lhe, Barton?

— Bastante. Quanto é?

— Um dólar.

— Faça favor!—Deu-lhe a moeda, que tirou do bolso, e pôs-se a comer com apetite, murmurando. — Prefiro isto ao «whisky». A bebida faz sempre mal e é por causa dela que eu estou aqui. Estou-lhes muito grato, por me tratarem bem.

— Cumprimos apenas um dever!

Ao ver-se só, novamente, começou a pensar. Tudo lhe parecia claro. Folley ou os seus homens tinham observado todos os seus movimentos, desde que saíra do «saloon» até recolher à hospedaria. Mas quem teria assassinado Alen, à traição? Quem era esse Folley? E esse Wood, o «gorila» que ele derrotara? E por que teriam assassinado o generoso rancheiro? Sem saber porquê, estava convencido de que o criminoso devia ter sido Folley ou qualquer dos seus homens.

Duas horas depois, o xerife foi vi-

sitá-lo, acompanhado de um dos seus comissários.

— Então, como se encontra?

— Bem, como vê! — Endireitou-se. O pior é que não posso desentorpecer as pernas...

— Deve compreender que...

— Compreendo muito bem, xerife. Não me dá boas notícias?

— Não, infelizmente — disse o xerife, abanando a cabeça. — Tudo continua a acusá-lo.

— No entanto, estou inocente, juro-lhe.

— É possível!... Na verdade, não o considero um assassino.

— Pode ter a certeza. Nunca matei nenhum ser humano. Quando cheguei ao pé do rancheiro já ele estava morto. Só cometi dois erros: não vir comunicar o facto ao senhor e voltar o corpo, para lhe ver a cara. De resto, poucas palavras trocámos. E se ele pudesse falar, dir-lhe-ia que foi ter depois comigo, dirigindo-se-me em tom amigável

para me pedir desculpa de ter sido brusco, quando, afinal, eu é que fui intrometido, em me dirigir a ele. Mas isto, de nada me vale, já sei, visto o julgamento ser amanhã.

— Assim está anunciado e não poderei voltar atrás.

— E serei declarado culpado?

— É evidente, se não se der um milagre. Não quero enganá-lo...

— Agradeço a sua franqueza. Já vi que o senhor é um homem honrado.

— Eu prometi honrar esta estrela e honrá-la-ei. E olhe que não é fácil. Aqui há inúmeros pistoleiros. Barry Folley, por exemplo, é um tipo sem escrúpulos.

— Porque não o prende?

— Porque nunca tive motivo sufiicente para isso. Tem sabido esgueirar-se sempre.

— É o que eu procurarei fazer...

— Que quer dizer?

— Que tentarei fugir... do tribunal, do laço da corda, daqui

mesmo... Eu sei lá! O que não quero é morrer enforcado. Embora eu não concorde com a morte violenta, ainda que seja como castigo, acho que a morte por enforcamento é humilhante, demais a mais para quem está inocente. — O xerife escutava-o assombrado. — A propósito. Posso saber quem é aquele sujeito baixo que falou com o senhor juiz?

— É um excelente homem. Sinclair Harris. É o maior comerciante da cidade. Mas explique-me. Que ideia é essa de querer escapar à Justiça?

Jimmy sorriu.

— Escapar à Justiça, não, senhor! Diga antes, fugir a uma injustiça, pois se me condenarem, o que é mais provável, cometerão uma injustiça.

— Ouça, Barton. Não sei se está a falar a sério ou a brincar...

— O senhor xerife não me conhece bem. Eu não costumo brincar com coisas sérias e esta é uma

delas. Admiro o senhor porque o considero honrado, como aqueles que o são. E sobretudo franco e recto. Pois eu também o sou.

— Admiro a sua franqueza. Mas devo dizer-lhe que nunca me fugiu um preso.

— Uma vez terá de ser a primeira.

O xerife saiu preocupado, enquanto Jimmy ficava imóvel e pensativo, amadurecendo um plano que nascera na mente num momento de inspiração.

Apesar de tudo, a preocupação não abandonara o xerife, o qual, depois de dar ordens rigorosas aos seus ajudantes, foi ter com o juiz, para lhe contar o que se passava.

— Como sabe, tenho a certeza, agora mais do que nunca, de que Jimmy Barton está inocente.

— Como eu, também.

— Mas estou intranquilo. Barton afirmou-me peremptòriamente que fugirá.

— Sabe-se lá... Já vi que esse rapaz é um vivo diabo...

— Pois, sim. Mas não compreende que toda a gente se voltaria contra nós?...

— Aguardemos os acontecimentos... — limitou-se o juiz Dowlais a dizer.

★

Mal ele acabara de sentar-se, à sua secretária, a porta tornou a abrir-se para dar entrada à esbelta figura de Susan, vestida de negro.

— Que deseja, senhorita Allen?

— Quero falar com o preso... para ele me dizer quem o instigou a matar meu pai.

— Ainda não se provou isso...

— Mas tudo o acusa. E, portanto, ele deve morrer...

— Se se provar a acusação, será enforcado.

— Meu pai era tão bom... Nunca teve inimigos. Só esse forasteiro,

por causa de uma discussão estúpida... — Interrompeu-se para desatar a chorar.

— Vamos, Susan. Não remedeia nada com isso... Agora, deve envidar todos os esforços para continuar a obra de seu pai, no rancho...

— Agora será difícil...

— Porquê?

— Acabam de surgir umas dificuldades imprevistas, que não sei como vencê-las. Entre os seus papéis, descobri a existência de uma hipoteca, a vencer proximamente. Por outro lado, há dias vendeu uma manada, mas... encontrei apenas dois mil dólares. O depósito no Banco está reduzido a duas centenas de dólares. Que quer tudo isto dizer? Que ficarei sem o rancho... — Susan redobrou a chorar.

O xerife que tivera tempo de reflectir com serenidade, disse-lhe:

— Ouça... Não se precipite... Alguém podia ter interesse em que seu pai fosse assassinado, o que

não é caso raro. Ainda existe uma possibilidade de se demonstrar a inocência desse rapaz e descobrir-se o verdadeiro culpado... Eu já vi e avaliei do que é capaz Jimmy Barton. Vi-o no concurso de tiro e derrotar Wood, de uma forma extraordinária.

— Eu também assisti. Por sinal, eu é que fui a causadora.

— E... quem teve razão?

— Foi ele, não há dúvida. Folley tratou-o injustamente.

— Já vê que um homem assim não podia ter assassinado seu pai, pelas costas. Demais a mais, depois de ter falado com ele, quase amistosamente.

Quando Susan saiu, o xerife acompanhou-a com a vista, murmurando:

— Não há dúvida de que este rapaz está inocente... Mas restam-me tão poucas horas para esclarecer isto.

CAPÍTULO IV

Um comissário entrou. levando a bandeja com o comer para o preso, seguido pelo seu compenheiro. Mas estacaram estupefactos. O calabouço estava vazio. Olharam à sua volta, lembrando-se da recomendação do xerife.

— O maroto conseguiu fugir. Mas como?

— Não é possível! — exclamou o segundo comissário. — Espera! Ajuda-me aqui.—E levantando a manta que tocava quase no chão, espreitou para debaixo da cama. Nesse momento, a cama voltou-se inesperadamente, abafando os dois ajudantes. Estes ainda tentaram desembaraçar-se, mas não puderam.

Jimmy caíra sobre eles e socou-os, com toda a força dos seus punhos, deixando-os K. O. Agachou-se e tirando a um deles o cinturão, afivelou-o em si próprio. Agora, estava armado. Sacou um dos revólveres. Felizmente, tudo fora tão rápido que quase não houvera ruído. A própria cama abafara o barulho que os dois ajudantes pudessem fazer. O xerife estava sentado tranquilamente, à secretária. Ao ouvir passos, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada de mau, xerife. Fui eu que... vou cumprir o que prometi.

O xerife nem sequer fez um movimento, sob a ameaça do revólver. E depressa se refez da surpresa.

— Não seja doido, Barton. Volte para o calabouço!

— Nessa é que eu não caio. Fiz uma promessa e cumpro-a. Os seus ajudantes, que aliás são bons rapazes, estão a dormir. Só o senhor

está acordado, para poder certificar-se de que eu sou cumpridor...

— Mas como conseguiu...

— Um estratagema bem simples, que eles lhe explicarão quando acordarem. E agora, dê-me licença.

— Isso é uma loucura. Pois não compreende que persegui-lo-ão.

— O que compreendo é que estando inocente, não posso ser julgado e menos ainda, condenado. — E quase sem o obrigar a isso, conseguiu meter o xerife no calabouço, fechar a porta e atirar a chave para um canto do corredor.

Pouco depois, Jimmy Barton que se apossara de um cavalo, que estava à porta do «saloon», corria vertiginosamente através dos campos, perseguido por alguns homens que o tinham reconhecido. O alarme correu ràpidamente. Os perseguidores do fugitivo tiveram de desistir e regressaram a Willow Ground, de cabeça baixa e envergonhados, ao mesmo tempo que o juiz Dowlais, o

comerciante Harris e alguns habitantes corriam ao xerifado para saberem como é que Barton pudera evadir-se.

Foi só nessa altura que souberam o que se tinha passado.

★

Apesar de tudo, o xerife não pôde reprimir um sorriso, quando os seus subordinados lhe contaram o estratagema de Borton. E os três concordaram que ele, além de hábil, decidido, corajoso e inteligente, possuía recursos para tudo. Todavia, estavam um pouco aborrecidos porque teriam de esperar que aparecesse alguém para poder abrir-lhe a porta do calabouço.

O juiz Douwlais, Harris e Folley ficaram surpreendidos, quando foram encontrá-los, engaiolados.

— Mas como pôde acontecer isto, Mills? — perguntou o juiz.

Teg Mills explicou-lhes detalha-

damente o que se passara. Todos o ouviram em silêncio.

Só Folley é que não pôde conter-se:

— Esse assassino, podia tê-los morto!

Mills voltou-se para ele, furioso:

— Podia ter-nos matado, sim. Mas não nos matou. Se o tivesse feito, mostraria que era cobarde. Pelo contrário. Demonstrou mais uma vez, ser corajoso e leal.

★

Quando se viu livre de perigo, Jimmy respirou aliviado e tratou de procurar, em primeiro lugar, arranjar um refúgio, onde ninguém pudesse descobri-lo. Depois, trataria de pôr-se em campo.

CAPÍTULO V

O juiz Dowlais estava sentado à sua secretária, a escrever. Teve a impressão de ouvir um leve ruído na sua janela. Suspendeu o seu trabalho para voltar a cabeça. Ficou assombrado. Jimmy Barton estava na sua frente.

— Boas-noites, senhor juiz. Desculpe-me vir incomodá-lo a estas horas.

— Mas... que faz aqui?

— Vim de propósito, para lhe falar com o coração nas mãos...

— E também com um «Colt»...

— Perdôe-me. Já me esquecia. — Guardou a arma. — Vou ser o mais conciso, contando com a sua generosidade, rectidão de carácter e pon-

deração. Preciso apenas de umas informações. Sinclair Harris é boa pessoa?

— Goza de boa reputação e é o dono do maior bazar de Willow Ground.

— E Barry Folley?

— É um patife. Está aqui há um ano. E é dono do melhor «saloon». Tem um bando de pistoleiros às suas ordens, e...

— Porque não o prenderam já?...

— Por falta de provas...

— Está bem, senhor juiz. Vou procurar esclarecer tudo, para entregar ao xerife o assassino do pobre Allen. — Em rápidas palavras, contou-lhe a conversa que tivera com o rancheiro, ao pé do balcão e depois, a cena da sua evasão, que fez assomar um sorriso nos lábios de Dowlais. Depois, concluiu. — Como vê, não lhes fiz mal. Procurei apenas escapar. E mais uma vez, lhe afirmo sob juramento, que nunca matei ninguém.

— Como homem, acredito-o. Agora, como juiz, necessito de provas...

— Tratarei de obtê-las, senhor juiz, para vir trazê-las. Desculpe-me vir incomodá-lo, mas já é um pouco tarde... — E tornou a desaparecer, pela janela, perdendo-se na escuridão da noite.

Dowlais nem se mexeu da cadeira, murmurando apenas:

— Cada vez estou mais convencido de que este rapaz está inocente!

★

Ao ver a porta apenas encostada, sorriu com satisfação. Empurrou-a cautelosamente e foi até ao fundo do armazém, para bater na porta envidraçada do escritório. Mas tropeçou em qualquer coisa, fazendo ruído.

— Quem está aí?

Jimmy encostou-se à parede,

vendo Harris sair, com um candeeiro na mão esquerda e um revólver na outra.

— Não se assuste, senhor Sinclair Harris.

O comerciante quase deu um salto.

— Barton! O senhor aqui?

— É como vê! Venho pedir-lhe um favor, apenas. Não tenha medo. Nunca matei ninguém e menos ainda seria capaz de matar o senhor Allen.

— Na realidade, eu também nunca acreditei... E olhe que eu era bem amigo dele.

— Eu sei. Mas não quero demorar-me muito. Preciso de que o senhor me venda alguns artigos de que preciso.

— Tudo quanto quiser. — Harris apressou-se a aviá-lo, sem contudo querer receber a importância devida. Barton quase o obrigou suasòriamente a receber os quatro dólares da despesa.

— Agora, quero pedir-lhe outro favor.—Os dois tinham entrado no interior da casa.— Conhece há muito tempo Barry Folley?

— Há pouco mais de um ano. Ao que parece, trazia bastante dinheiro, pois pouco tempo decorrido adquiriu o «saloon», com o qual tem feito bastante negócio. Mas sabe, ele faz-se rodear de gente indesejável.

— Creio que vive no próprio «saloon»...

— Exactamente. Veja lá o que vai fazer, Barton! Não se arrisque... Não seja imprudente.

— Serei cauteloso... Mas não descansarei enquanto não descobrir o assassino de Claude Allen. Nem que tenha de cair no meio do caminho...

— Veja lá... Se precisar de alguma coisa, estou às suas ordens.

— Obrigado. Não me esquecerei.

Quando o viu sair, Harris soltou um suspiro de alívio.

CAPÍTULO VI

A terceira visita foi ao covil de Folley.

Infelizmente, porém, como se adivinhassem a sua visita, foi ali recebido por aquele, Charles Wood e outro pistoleiro.

Quando compreendeu a gravidade da sua situação, Jimmy Barton resolveu logo mudar de atitude, tomando um ar suplicante.

Folley não lhe convinha de modo algum, eliminá-lo. Primeiro, queria fazê-lo falar e obrigá-lo a confessar que a sua evasão fora combinada com o xerife, acrescentando:

— Mas não importa. A morte de Teg Mills também está decretada. Não será obstáculo para os meus

planos. E você, é um cobarde, e como tal, morrerá às minhas mãos.

De súbito, porém, tudo mudou. Como a sua atitude desarmara os pistoleiros, com um salto prodigioso, caiu a pés juntos sobre Wood, que estava desprevenido e se desequilibrou, ao mesmo tempo que derrubava a mesa onde se encontrava o candeeiro, ficando tudo às escuras.

Então, aproveitando essa circunstância, Jimmy que pudera localizar os seus inimigos e servindo-se da sua destreza, começou a distribuir socos e pontapés, como se os seus pés e os seus punhos fossem verdadeiras catapultas, procurando no entanto alcançar a janela, ao mesmo tempo que utilizava o revólver, cuja carga despejou às cegas.

Depois, desapareceu.

CAPÍTULO VI

Jimmy ainda levou quase hora e meia para chegar ao seu refúgio.

Uma vez ali, deixou a sua montada no sítio do costume, foi comer qualquer coisa, depois do que se deitou, no recanto abrigado, envolvendo-se na manta que comprara no armazém de Sinclair Harris.

Não tardou a adormecer, tendo, porém, um sono agitado, cheio de pesadelos, no meio dos quais, lhe aparecia a esbelta figura de Susan Allen, numa atitude ameaçadora: «Assassino! Assassino!» — Ele bem procurava protestar a sua inocência: — «Estou inocente». — Mas apesar de estar mergulhado no sono, sentia perfeitamente que a voz lhe

morria na garganta, como num estertor, o que o fez acordar, banhado em suor.

★

Entretanto, Teg Mills nessa noite, acompanhado dos seus dois ajudantes, foi a casa do juiz Dowlais para tomar uma decisão sobre o que deviam fazer. Foi nessa altura que o xerife teve conhecimento da visita que Barton fizera na mesma noite ao juiz e ao comerciante Harris.

— Mas afastar-se-á Barton da região?

— Não acredito. Cada vez estou mais convencido disso. Folley tem nele o seu inimigo mais encarniçado. E confio em que a verdade se descobrirá.

— Que motivo levaria o assassino a matar Claude Allen?

— O interesse. Apoderar-se do rancho. Já devia ter previsto tudo.

Deve ter todos os trunfos na sua mão, para se apossar da propriedade, dentro de pouco tempo.

— Não percebo. Claude estava numa situação desafogada e portanto devia ter dinheiro.

— Pois engana-se. Susan explicou-me tudo. Ao que parece, seu pai tinha uma hipoteca, e com o produto da venda de uma importante manada de gado pagou a sua dívida. Isto é provável, pois o dinheiro não aparece em casa nem no Banco. Ou é provável que ele trouxesse o dinheiro consigo e o assassino levasse o dinheiro e o recibo. O que quer dizer que, nesse caso, a dívida continua existindo.

★

Como de costume, depois de sair de casa do juiz e antes de recolher à sua, o xerife foi até ao «saloon» de Folley para passar uma vista de olhos, pelas mesas de jogo. Apesar

de lhe ter falado, num tom quase amigável, Folley não podia ocultar o ódio que sentia por ele. Por sua vontade t ê - l o - i a eliminado ali mesmo dentro. Mas soube conter-se, tanto mais que sabia que Teg Mills não chegaria nessa noite ao xerifado.

Depois de ter falado com um grupo de comerciantes que estavam a jogar, o xerife resolveu sair, sem deixar de olhar para todos os lados. De súbito, viu uma sombra atrás de um poste. Levou a mão à coronha do seu revólver, caminhando na sua direcção. Mas ficou surpreendido quando ouviu uma voz conhecida dizer-lhe:

— Cuidado, xerife!

— É você, Barton?

— Fale baixo! Três homens estão emboscados, ao pé da sua casa. Tenho a certeza de que estão à sua espera...

— Sabe que o meu dever...

— Já sei isso. Mas guarde o Dever para outra ocasião. Primeiro está a sua vida.

Teg Mills teve a impressão de ter falado com uma sombra, pois Barton desapareceu, fundindo-se com as sombras da noite. Quase ao mesmo tempo, viu a sombra de um homem mover-se. Os outros deviam estar perto. De súbito ouviu um tiro. Atirou-se ao chão, ouvindo o sibilar de dois projécteis. Ele respondeu quase às cegas, sucedendo-se mais duas detonações. Compreendeu, então, que Barton lhe tinha salvo a vida, não só por tê-lo avisado, mas ainda porque se lhe antecipara. Nesse momento, tornou a ouvir a mesma voz amiga:

— Pronto! Já tem o caminho livre.

— Eram três?

— Sim. Estão ali. Da saúde de dois, tratei eu. Do outro foi o senhor, tenho a certeza.

— Você é o diabo. Não sei como...
— Cale-se que vem aí gente.
— Obrigado e boa-sorte, rapaz.

Já não o ouviu, nem o viu. Sentiu apenas uma palmada amigável, nas costas.

CAPíTULO VIII

Barton encontrava-se de novo fora da cidade, galopando na direcção do seu esconderijo, na montanha.

Os acontecimentos mostravam-se favoráveis para ele e se tudo corresse bem, em breve teria nas suas mãos o assassino de Claude Allen.

Estendeu-se na manta e não tardou em adormecer. Na manhã seguinte, assim que se levantou, montou no cavalo e encaminhou-se para o ribeiro que passava no outro lado da montanha, para tomar um banho reconfortante.

Antes, porém, de fazer isso, atirou o chapéu para o lado e deixou-

-se cair sobre a relva, despreocupadamente. Estendeu os braços num gesto voluptuoso, aspirando o ar puro da manhã. Depois desafivelou o cinto, colocando-o sobre o chapéu, mas quando ia despir a camisa, ficou imóvel.

— Quieto! Se faz um só movimento, mato-o!

Verdadeiramente surpreendido, embora conhecesse aquela voz cristalina, voltou a cabeça para o lado e viu Susan Allen. Estava encantadora. Vestia umas calças do Texas e uma camisa de flanela. Um lenço enrolado ao pescoço e o chapéu, deitado para trás, deixava em completa liberdade os seus cabelos negros. O seu semblante indicava claramente a sua firme decisão e a mão que empunhava a arma de fogo, não tremia.

— Volte-se, mas tenha cuidado! Desejava encontrá-lo, assassino!...

— Eu não sou nenhum assassino, menina Allen.

— Ainda tem a desfaçatez de negar? Quanto lhe pagaram para matar meu pai?

Barton corou, ao ouvir o insulto.

— Menina!... Não lhe admito esse insulto. Se algumas vezes me tenho visto na necessidade de matar um homem, é em defesa da minha própria vida e, frente a frente. E menos ainda sou capaz de apunhalar alguém pelas costas...

— Não consegue convencer-me... E estou disposta a levá-lo ante o xerife...

— Como quer que lhe diga que não o matei? Que motivo tinha para cometer esse abominável crime?

— Disseram-me que o senhor discutiu com meu pai.

— Quer escutar-me? Eu não sou nenhum malvado para assassinar alguém por causa de uma ridícula discussão de lana-caprina. Além disso, seu pai, antes de sair do «saloon»» dirigiu-se a mim numa atitude correcta e digna, falando-me

em termos amistosos. Quanto a alguém ter-me pago para cometer um crime, é uma ofensa para um homem como eu, que preza a honradez e a dignidade que só o trabalho pode dar.

— Deixe-se de palavras bonitas e...

— E julga também que, se eu tivesse feito isso, fugindo da cadeia, continuaria a viver tão perto da cidade?

— Não me importam as suas explicações. E esteja certo de que o levarei ao xerife, para ser julgado pelo juiz Dowlais.

Barton pôs-se a rir.

— Tem graça!... Pelos meus dois e únicos amigos que tenho em Willow Ground.

— Já é atrevimento!...

— Não é atrevimento! É a pura verdade. E tão verdade, como é verdade eu admirá-la e considerá-la uma rapariga valente.

— Talvez seja o desejo de vingar meu pai!...

— Mas como me descobriu?

— Tem muito interesse em saber? Pois não lhe direi!

— Está bem! Isso não impede de dar-me a oportunidade de defender-me, visto não ter aqui nenhum advogado.

Susan deixara-se levar pelas palavras de Barton. Não, ao ponto de deixar de apontar-lhe o revólver, mas sem afrouxar o braço e a mão, armada.

Jimmy aproveitou essa circunstância fortuita e com um golpe inesperado sem que, no entanto, a magoasse, desarmou-a e fazendo-a cair no solo.

— Estúpido! Bruto!

Jimmy, porém, inclinou-se e ajudou-a a pôr-se de pé.

— Quando ameaça um homem... de «maus fígados», ninguém deve descuidar-se.

— Farsante! Assassino! Estou à sua mercê! Pode disparar, como fez com meu pai!

— Cale-se! Como quer que eu lhe diga que não o matei? Agora não tenho necessidade de mentir, pois ninguém me ameaça... Juro-lhe pelo que há de mais sagrado neste mundo... Pela memória de minha santa mãe!—Com um gesto brusco, devolveu-lhe o revólver. — Tem outra vez a sua arma! —Cruzou os braços sobre o peito. — Dispare à vontade... Seria delicioso morrer às suas mãos.

De súbito, Susan deixou cair o revólver no solo e escondeu o rosto entre as mãos, para chorar.

Jimmy ficou desconcertado. O pranto de Susan impressionou-o. Acercou-se dela.

— Vamos! Não chore. As lágrimas não remedeiam nada.

Susan, sem dar conta disso, apoiou-se no peito varonil com

absoluta confiança. Jimmy estava perplexo. Depois acariciou-lhe suavemente os seus cabelos.

— Vamos, anime-se.

— Obrigada, Jimmy! — disse, limpando as lágrimas.

— Ainda me julga culpado? — Ela abanou a cabeça. Ainda bem. Já lhe jurei. Quando eu cheguei junto do corpo de seu pai, não sabia de quem se tratava. E foi ao reconhecê-lo, que me manchei de sangue... Não sei o que pensei nesse momento, que me levou a fugir. O que sei, ou antes, tenho quase a certeza, é que Barry Folley, ou qualquer outro como ele, me foi denunciar.

— Quê? Suspeita dele?

— Tenho a certeza.

— Eu nunca gostei dele, Jimmy.

— Nem eu... Teria ele motivo para matar seu pai?

— Ignoro. Meu pai ia ao salão dele, várias vezes Barry Folley dizia-se muito amigo dele. Mas é um

homem interesseiro e não faz nada sem qualquer benefício ou lucro.

— Diga-me francamente, menina Allen. Qual é a sua situação económica?

— Bastante crítica! Provàvelmente perderei o rancho, mais dia, menos dia. Verifiquei há dias que está hipotecado por uma importante quantia, e cujo prazo está a terminar. Mas eu estou convencida que meu pai já a pagou, pois foi com esse fim que meu pai vendeu uma importante manada de gado. Mas ignoro a quem foi feita a hipoteca...

— Escute, Susan. Não se preocupe. A desgraça que receia, não se dará. É evidente, o motivo do crime...

— Que quer dizer, Jimmy?

— Seu pai pagou a dívida e mataram-no para lhe roubarem o recibo. Confia em mim?...

— Sim!

— Bem. Pode confiar também no

xerife Mills e no juiz que não consentirão que se pratique essa infâmia. Compreende agora, porque eu me evadi da prisão, embora estivesse inocente? Foi para esclarecer o mistério desse nefando crime.

— Perdoa-me, Jimmy? — perguntou Susan.

— Já lhe tinha perdoado, ìntimamente.

— Obrigada, por tudo! — Sem se poder conter, Susan beijou-o e, antes de ele sair do seu assombro, montou a égua e partiu a galope.

Jimmy ficou imóvel, a vê-la correr. E levantou a mão para responder à sua saudação. Depois, despindo-se ràpidamente, atirou-se à água, para tomar o banho retemperador.

CAPíTULO IX

Sinclair Harris entrou na tenda. Regressava sempre àquela hora, depois de ter jogado uma partida, com os seus amigos.

Ficou imóvel, fazendo um movimento instintivo para retroceder. Por debaixo da porta do escritório, coava-se um raio de luz. Como estava convencido de que apagara o candeeiro, puxou pelo revólver e avançou para a porta que abriu de repente.

Sentado à sua secretária, Jimmy Barton empunhava o «Colt», por sua vez. Harris soltou um suspiro.

— É o senhor Barton! Assustei-me. Como estava certo de ter apagado a luz...

— Estava à sua espera...

— Descobriu alguma coisa?

— Não! Preciso da sua ajuda.

— Estou ao seu dispor... Mas, desculpe. Ainda estava a apontar-lhe o revólver...

— É natural. Podia ser um ladrão...

— Foi o que eu logo pensei. Não me agrada a ideia de ser roubado, apesar de ter coisas de valor escasso. Quando muito, uma centena de dólares. Costumo ter o dinheiro no Banco...

— É preciso ser cauteloso, numa terra como Willow Ground, que está cheia de pistoleiros e de gente suspeita.

— Em que posso ajudá-lo?

— Gostaria de saber onde estão Barry Folley e os seus homens.

— No «saloon». Vi-os há pouco.

— Não é isso. Gostaria de saber, quando sairão do «saloon». O senhor podia estar lá e vir dizer-mo, embora a sua vida corra perigo...

— Não se preocupe. Se o senhor expõe a sua, porque não me hei-de eu arriscar? De resto, esses bandidos não repararão em mim...

— Ficar-lhe-ia muito agradecido.

— Que pensa o senhor fazer? Não cometa nenhuma loucura. São muitos homens e estão habituados a lutar...

— Não me importa. Estou disposto a empregar as mesmas armas. Atacá-los-ei de surpresa. Por isso, me interessa saber quando sairão. Conheço o caminho que levam e sair-lhes-ei ao encontro, atacando-os a tiro. Talvez tenha a sorte de acabar com Folley.

— É um disparate!

— Não me importa de cometê-lo. A sorte sorri aos audaciosos e poderei matar Barry Folley. «Cão morto, acabou-se a raiva».

— Bem, vou regressar ao «saloon».

— Mas não se arrisque. Lamen-

taria que por minha causa lhe acontecesse uma desgraça.

— Não se preocupe. Até logo. — Mas o comerciante não chegou a sair. Fitou o jovem e passou a língua pelos lábios ressequidos.

— Vou buscar a garrafa de «whisky» e um copo. Cair-lhe-á bem um golo.

— Obrigado. O senhor é muito amável.

— Tudo quanto possuo está à sua disposição. — E Sinclair Harris colocou a garrafa e o copo em cima da mesa. Depois, com um gesto instintivo, apertou a mão do jovem, notando que este estava sereno. Nem o mais leve tremor agitava a sua mão. Os seus nervos deviam ser de aço.

Tão depressa ficou só, Jimmy examinou o seu revólver. Funcionava bem e tinha a carga completa. Se uma bala se encravasse, poderia considerar-se morto. Satisfeito, guardou a arma. Desrolhou a gar-

rafa e aspirou o aroma da bebida:

— Belo «whisky»!...

Encheu o copo e humedeceu os lábios. Como dissera antes, convinha-lhe beber um golo. Bebeu lentamente, saboreando-o. Deixou o copo em cima da mesa e, depois de apagar o candeeiro, saiu. Passou ao armazém, mesmo às escuras, o que lhe foi fácil, por conhecer o caminho, de olhos fechados. Deteve-se ao lado da porta e esperou pacientemente o regresso de Harris. Nem fumou, para não denunciar a sua presença. Não teve de esperar muito. A porta abriu-se e nela apareceu o perfil do comerciante, que se deteve, perplexo, por não ver a luz por debaixo da porta do fundo.

— Estou aqui, Harris! — murmurou o jovem, que, ao ver o comerciante voltar-se para ele, percebeu que se assustara.

— Receei que... tivesse saído. Como não vi luz no escritório...

— Resolvi esperá-lo aqui. Folley e os seus homens já sairam?

— Já! Dirigem-se para sua casa. Os homens que lhe restam são quatro, pois o xerife matou, ontem à noite, três pistoleiros. Só três homens acompanham Folley, mas não sei onde o outro possa estar...

— É uma sorte para ele... — replicou Barton, com firmeza.

— Tenha cuidado...

— Não se preocupe, Harris! — E saiu do armazém, atirando-se, porém, para detrás de uns barris, que estavam ao lado da porta, ao mesmo tempo que soavam várias detonações. Jimmy empunhava o revólver com firmeza, não parecendo estranhar aquele inopinado ataque, como se já o esperasse. Novos projécteis procuraram o seu corpo. Jimmy permaneceu imóvel, ouvindo uma voz dizer:

— Já o atingimos, chefe!

— Não creio!... Ele atirou-se para

trás daqueles barris. Precisamos de acabar com ele...

Respondeu-lhe uma gargalhada sarcástica. O pistoleiro estava convencido de que liquidara Jimmy, pois tinham-no surpreendido, certos de que ele não esperava esse ataque. A sorte, porém, parecia favorecer o endemoninhado vaqueiro, que saira ileso. Os pistoleiros, enraivecidos, continuaram a disparar, sem obterem resposta. Jimmy permanecia mudo e quedo.

— O vaqueiro já não respira, chefe.

— Não te fies nisso! Barton é astuto...

— Neste momento, não! — E levantando-se, deitou a correr na direcção dos barris. Mas uma bala certeira fê-lo parar e cair no solo. Jimmy disparara pela primeira vez. Barry Folley soltou uma imprecação, recrudescendo os seus tiros contra os barris, juntamente com os seus homens. Mas Jimmy já não

se encontrava no mesmo sítio. Havia-se esgueirado para o lugar oposto. Ao divisar uma sombra, tornou a disparar. Outro adversário ficou fora de combate.

— Deixem de atirar! — gritou a voz enérgica do xerife, que todos reconheceram.

Mas Folley estava furioso. Não queria deixar escapar o seu inimigo, que tinha agora quase em seu poder. Continuou a disparar. Jimmy resolver fugir, dobrado para a frente. Quase esbarrou com uma mole humana, que reconheceu imediatamente: Charles Wood.

— Encontrei-te, e n f i m, maldito Barton. Agora, não me escaparás! — E disparou. Jimmy atirou-se para o lado, disparando também. Os projécteis cruzaram-se. Jimmy sentiu um deles roçar-lhe a face esquerda, provocando-lhe uma dor terrível. Mas Wood caira, para não mais se levantar.

Jimmy reagiu. Estava ferido, mas

não gravemente. Folley e o outro homem correram em sua busca. Mas Jimmy não perdera tempo e afastara-se precipitadamente. Não lhe convinha continuar a refrega.

Quando se certificou de que ele se escapara, Folley rompeu em imprecações. O xerife surpreendeu-o assim.

— Pode explicar-me o que aconteceu, Folley?

— Barton tornou a atacar-nos. Matou Wood e mais dois dos meus homens. É inaudito.

Teg Mills sorriu com sarcasmo.

— Como é possível que só um homem se atrevesse a atacar quatro?

— Como?... Atacou-nos à saída do «saloon» e fugiu para aqui, conseguindo escapar-se, depois de fazer mais três vítimas.

— Você caiu em desgraça, Folley. Em duas noites, perdeu cinco dos seus homens, pois um dos que eu matei não estava ao seu serviço...

— Assim parece, xerife. Mas confio em que a desgraça não me continuará a perseguir. Hei-de acabar com esse foragido...

O xerife conteve um sorriso de júbilo, ao vê-lo furioso, e quase desmoralizado. Jimmy Barton estava alcançando a almejada vitória. Separou-se de Folley, para regressar à repartição. Nessa altura, foi alcançado por Harris.

— Quero falar-lhe, xerife!

— Venha comigo! Mas que tem? Espero que não se tenha metido nisto!... — Fechou a porta, depois de entrarem.

— Pois estou metido nisto, sim, senhor... Jimmy Barton...

— Sente-se e explique-se com calma, Harris... — Quando se sentaram, agarrou na garrafa de «whisky» e encheu dois copos. — Beba uma golada, para acalmar os nervos. — Fitou-o com um olhar tranquilo. — Conte-me lá isso.

— O diabo do Barton esteve no meu armazém, a pedir o meu auxílio. Não vacilei em aceitar. A minha missão consistia em ir ao «saloon» e, logo que visse Folley sair com os seus homens, correr a avisá-lo. Realmente, assim fiz. Mas, pelo visto, Folley percebeu a minha manobra, pois, logo que Barton saiu de minha casa, foi atacado. O relato de Folley é falso. Ele mentiu...

— Eu já estranhava. Quis-me parecer que todos os tiros partiram desse lugar...

— Como vê, a minha situação é perigosa. Folley suspeita de mim e, provàvelmente, desejará vingar-se.

— É provável... Procurarei protegê-lo.

— E eu agradeço-lhe... Não estou arrependido de ter ajudado Barton, mas não sou um homem de armas e estarei à mercê desses bandidos...

— Não creio que Folley tente qualquer coisa contra si. As coisas

para ele vão de mal a pior. Está desorientado e quase me atreveria a jurar que assustado. Não obstante, um dos meus homens, Reynolds, protegê-lo-á. Pode confiar nele. É eficiente e corajoso.

— Obrigado, Mills. Eu sou só no mundo, mas ainda tenho apego à vida. — E apertou com força a mão do xerife.

CAPíTULO X

Depois de se lavar no ribeiro, Jimmy viu o arranhão feito pela bala, ao roçar-lhe a cara. Por um triz, ia perdendo a vida. Mais dois centímetros e a sua morte teria sido instantânea.

Agora, estava disposto a actuar de forma decisiva. Aqueles malvados receberiam o merecido castigo, embora tivesse a desgraça de ser alcançado pelas suas balas. Coisa alguma poderia evitar que Barry Folley fosse enforcado, bem como o miserável instigador do assassínio de Claude Allen.

Montou no seu cavalo e dirigiu um último olhar àqueles lugares, onde encontrara uma excelente

hospedagem. Em seguida, empreendeu o galope para Willow Ground. Deteve-se, junto dos matagais que em outras ocasiões tinham servido de refúgio ao seu ruão. Como já estava habituado àquele sítio, o belo animal pareceu ficar contente.

Jimmy Barton efectuou, então, uma estranha manobra. Entrou cautelosamente na povoação, deslizando com precaução pelas ruas, procurando não ser visto. Ao chegar ao pé de determinada casa, bateu suavemente a uma janela, pela qual saltou, assim que esta se abriu. Decorridos poucos minutos, saía pela janela, depois de se ter assegurado de que não poderia ser visto. Com as mesmas precauções, saiu de Willow Ground, até chegar junto do cavalo.

— Bem. Este assunto pode dar-se por arrumado. Esses canalhas terão o seu castigo.

As suas palavras eram bastante optimistas. Barry Folley deixaria,

decerto, de ser um perigo para os habitantes honrados de Willow Ground, mas ele podia encontrar a morte no decisivo encontro com o seu inimigo.

Mas Jimmy Barton não dava excessiva importância a essa possibilidade. Nunca dera grande valor à sua vida e agora ainda menos. Se caisse, Susan Allen guardaria dele uma agradável e inesquecível recordação. Isto bastava-lhe. Ainda lhe parecia sentir o contacto daqueles adoráveis lábios nas suas faces. Isso era o seu mais apreciado e precioso prémio. Receberia a sua morte, depois dessa prova de afecto da sua amada.

Não queria pensar em ser correspondido pela bela rapariga. Isso constituia para ele uma coisa tão impossível como agarrar a Lua com as duas mãos. Nunca fora ambicioso e agora não iria sê-lo.

Galopou com calma pelos arredores, para passar tempo. Ao meio-

-dia, regressou à cidade, mas dessa vez não se deteve em parte alguma. Seguiu avante, entrando em Willow Ground de cabeça erguida, embora tranquilamente.

Os transeuntes paravam surpreendidos, com os olhos cravados nele, ouvindo-se alguns gritos:

— Chegou Jimmy Barton!

O xerife e os seus ajudantes apareceram. Muitos homens olhavam-no expectantes. Mas nem um só fez o gesto de empunhar qualquer arma ou dispará-la contra o fugitivo da Justiça. Estavam impressionados com a serenidade de Jimmy Barton.

★

Barry Folley estava sentado a uma mesa, no «saloon», a conversar com um amigo. Tinha um ar sombrio.

— Partirei... Não estou disposto a permanecer mais tempo em Wil-

low Ground. Não quero ser enterrado no cemitério daqui...

— Cometerás um erro terrível, o pior erro da tua vida. Continuamos a ser os senhores da situação. Nada nos pode acusar.

— Esqueces-te de Jimmy Barton. Esse vaqueiro está disposto a exterminar-me.

— Acaso o temes? — perguntou o outro, com um ar desdenhoso.

O rosto de Barry Folley endureceu-se mais, corando ao mesmo tempo. E apertando os punhos com força, respondeu:

— Receio-o, sim. Esse homem dá a impressão de estar imunizado ou ser invulnerável às balas. De outro modo, não se pode explicar como tem conseguido sair incólume de tantas ciladas e armadilhas.

— Simples casualidade...

— Não achas muita casualidade junta?!

— Não nego que se trata de um indivíduo atrevido e perigoso, mas

nada pode contra nós. O xerife e os habitantes da cidade estão contra ele.

— O xerife? Não! Mills está de acordo com Barton. Estou convencido disso. É essa circunstância que me impele a afastar-me desta região, cujos ares já não são saudáveis para mim.

O rosto do outro tomou uma expressão ameaçadora.

— Hás-de arrepender-te de tomar semelhante decisão.

— Não creio. Tenho algum dinheiro junto que me permitirá instalar-me em qualquer ponto do Colorado.

— Como quiseres. Atiras fora todos os lucros obtidos, durante este tempo, e com tanto esforço e risco.

Folley soltou uma gargalhada.

— Prefiro isso a ir para o Inferno...

★

Nesse momento, entrou um pistoleiro, com um ar espavorido.

— Jimmy Barton está lá fora!

Os dois homens olharam-se surpreendidos por tanta audácia. E o que falava com Folley sorriu e disse com sarcasmo:

— Parece-me que é tarde para fugir, Barry!

— Sim! Mas tentarei acabar com esse maldito... — E saiu, precipitadamente.

Deteve-se no passeio, em frente da porta do «saloon», procurando recuperar a serenidade. Havia chegado o momento decisivo. Talvez pudesse eliminá-lo, conseguindo manter o poder adquirido.

Jimmy Barton aproximava-se, montado no seu belo ruão. Barry Folley estendeu o braço, apontando-o e gritou:

— É Jimmy Barton! É preciso

prendê-lo! Foi ele que assassinou Claude Allen!

Jimmy apeou-se e aproximou-se dele com a maior serenidade e sem perder um só dos seus gestos.

Ao ver o xerife, Barry dirigiu-se-lhe:

— Cumpra o seu dever, xerife!

Este reagiu. Devia o b e d e c e r àquela indicação. Jimmy Barton era um foragido da Justiça e o seu dever era prendê-lo.

Deu dois passos para a frente.

— Jimmy Barton! Considere-se preso!

— Porquê? De que me acusa? — perguntou Jimmy, sem deixar de fitar Folley.

— De ter assassinado Claude Allen.

— Isso não é verdade. Quem matou Claude foi Barry Folley. Possuo as provas disso.

Folley empalideceu. E cego de cólera, gritou:

— É mentira! Prenda-o!

Teg Mills sorriu. Parecia já não querer prender Jimmy.

— Isso é uma coisa interessante, Folley. Desejo ouvir a sua defesa e examinarei essas provas.

A voz de Barton soou fria e intranquila:

— Então, Folley?! Porque não saca o seu «Colt», cobarde?

Uma terrível imprecação saiu dos lábios de Folley. Todo o seu receio se desvaneceu ao ouvir aquele insulto. Fixou o olhar no seu temível inimigo, esperando uma oportunidade que lhe desse vantagem para vencê-lo.

Nesse momento, porém, ouviu-se uma voz vibrante, trémula de temor:

— Não, Jimmy! Não se arrisque... Deixe que o xerife o prenda... — Era Susan que corria para ele, com o receio estampado no seu belo rosto. Jimmy estremeceu e levantou o braço esquerdo.

— Não se aproxime, Susan. Esteja quieta!...

Folley julgou chegada a sua oportunidade. A intervenção da jovem distraira o seu inimigo. Puxou pelo «Colt» e engatilhou-o ràpidamente, mas enganou-se ao julgar que surpreendia Jimmy. Apesar da intervenção de Susan, Jimmy não perdera de vista os movimentos de Folley e imitou-o. As duas detonações foram simultâneas. O projéctil que alcançou Folley fê-lo estremecer, e desviar a sua pontaria. Quanto a Jimmy, apesar de ter sido atingido no braço esquerdo, permaneceu firme no mesmo sítio, vendo a trágica pirueta dada por Folley, ao cair no solo.

Susan correu para Jimmy.

— Estás ferido!

— Isto não é nada! — retorquiu ele, sorrindo ao ouvi-la tratá-lo por tu.

O xerife fitou-o:

— Tem as provas da culpabilidade de Barry Folley?

— Já não as tenho! Estão em poder do juiz Dowlais...

Os três pistoleiros de Folley que eram vigiados com a maior atenção por um grupo de habitantes de Willow Ground, não se atreveram a esboçar o mais pequeno movimento.

O juiz Dowlais apareceu nesse instante, como se alguém o tivesse prevenido antecipadamente do que ia passar-se.

— É verdade, xerife! Eu tenho essas provas e digo-lhe que são irrefutáveis...

Estas palavras foram acolhidas com um murmúrio de entusiasmo. Jimmy guardara o seu revólver. O braço doía-lhe bastante. Mas procurou dominar essa dor. A sua missão ainda não estava terminada.

— Barry Folley foi quem preparou e executou o assassínio de Claude Allen. Depois acusou-me,

aproveitando os indícios que podiam comprometer-me. Foi essa circunstância que me levou a fugir.

Fez uma breve pausa, verificando que estava sendo escutado com a maior atenção, por toda a gente.

— Já esclareci a minha situação. Mas o instigador desse nefando crime é que não pode ficar impune. — E voltando-se para o xerife, disse-lhe: — Prenda... Sinclair Harris!

O comerciante empalideceu. Não obstante, tentou sorrir.

— Você está doido, Barton? Como se atreve a acusar-me? Que motivo podia eu ter para matar Allen, que era meu amigo?

O assombro era geral. Todos os olhares estavam fixos nos dois homens. O xerife parecia atónito, aturdido, enquanto Susan tremia, horrorizada.

— É inútil negar, Harris.

— Mas eu sempre o ajudei... Não compreendo!...

— Sim... O senhor ajudou-me a

caminhar para a morte. A primeira vez confiei em si, ingènuamente, caindo em poder de Folley e dos seus pistoleiros, escapando deles, por milagre. Foi isto que me abriu os olhos, estendendo-lhe uma armadilha, na qual o senhor caiu, sem dar por isso... Em vez de fazer o que havíamos combinado, o senhor preveniu os seus sequazes que foram esperar-me à saída do seu armazém. Mas eu que já esperava isso mesmo, pus-me atrás da porta e ouvi-os chegar. Por esse motivo, pude escapar-me, depois de matar Wood e outro pistoleiro.

— É uma bonita história, Barton... Mas completamente absurda. Essa luta infatigável desequilibrou-o, perturbou-o a esse ponto. Torno a perguntar-lhe: que motivos tinha eu para desejar a morte de Claude Allen?

— É muito simples. Ele recorreu a si, num momento de aperto, e o senhor emprestou-lhe uma quantia

elevada, que Allen lhe pagou mais tarde, quando vendeu uma manada de gado. Folley matou-o para se apoderar da letra aceite, que passou de novo para o seu poder. Desta forma, a dívida de Claude Allen estava em aberto e, portanto, o senhor entraria na posse do rancho, por meio de uma acção judicial. Era um verdadeiro plano infernal.

— Que bela imaginação!... Onde está, então, a letra que Claude aceitara?

— O seu erro foi não a ter destruído. Confiou demasiadamente na sua esperteza, ao escondê-la. Mas eu descobria-a, oculta no fundo de uma caixa de charutos, no seu escritório, enquanto esperava por si. E agora está em poder do juiz Dowlais.

— É verdade, sim! — confirmou o juiz. — Essa letra está no meu escritório.

Sinclair Harris teve um largo sorriso.

— Felicito-o, Barton. Além de audacioso é um rapaz esperto. E eu cometi a tolice de menosprezá-lo.

Ante o assombro dos habitantes de Willow Ground, Jimmy sacou o seu revólver e disparou-o contra Harris. Foi nesse momento que todos viram que o comerciante, antes de dar a volta para cair, levantara o braço, empunhando um pequeno «Derringer». Sinclair ficou estendido no solo, sem vida.

Então, Susan caiu nos braços de Jimmy que, sem se importar com os curiosos, a beijou apaixonadamente.

EPíLOGO

Jimmy entrou no escritório do xerife, com o braço ao peito. Estendeu a mão àquele e aos seus ajudantes.

— Então, sempre se vai embora, Jimmy? — perguntou o xerife.

— Vou, sim!

— Mas isso é uma loucura, com o braço nesse estado...

— Já posso montar... O ruão agora é meu, pois o seu dono ofereceu-mo. Mas eu consegui que ele ficasse com o meu. Nada me prende a Willow Ground...

— Mas está convencido disso?

— Completamente, xerife. Todos se mostraram muito gratos comigo. E eu...

— Isso não é verdade, Jimmy Barton. És um farsante. Eu ofereci-te o lugar de capataz no meu rancho...

Todos se voltaram e viram Susan, à porta. Jimmy corou.

— Eu é que não posso aceitá-lo. Tenho sido sempre e quero continuar a ser fiel aos meus princípios. Ainda tenho bastante dinheiro, para...

— Bastante dinheiro? Uns miseráveis cem ou duzentos dólares. Hás-de ser sempre um vagabundo.

— Não permito que me insultes, Susan! — gritou ele, exasperado.

— Não?! Então, eu preciso de um capataz de confiança e tu voltas-me as costas...

— Deves compreender que...

— Não compreendo nada. Além disso, beijaste-me, comprometendo-me diante de toda a gente. Não é verdade, xerife?

— Lá isso é! — confirmou o xerife, apoiado pelos seus ajudantes,

que fizeram um movimento afirmativo com a cabeça.

Apesar disso, os dois continuaram a discutir, pelo que Reynolds propôs ao xerife:

— O melhor é prendê-los, chefe...

— Não, senhor. Quem o prende sou eu! — retorquiu Susan, avançando para Jimmy.

— E tu julgas que eu vou ficar de braços cruzados?! Isso nunca!

E abraçaram-se estreitamente, beijando-se, enquanto os três homens riam alegremente.

F I M

EXTRA

COMPRE OS LIVROS

«EXTRA»

DE TODAS AS NOSSAS
COLECÇÕES DO OESTE!

- *CALIFÓRNIA EXTRA*
- *COLORADO EXTRA*
- *«COLT» EXTRA*
- *KANSAS EXTRA*

O dobro das páginas, os mesmos autores, por ..... 12$50!

CAPITÃO TROVÃO

— UMA REVISTA DE AVENTURAS QUE SAI TODOS OS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

CADA NÚMERO APRESENTA UMA AVENTURA COMPLETA

CAPAS A CORES!

Preço: 2$50

LEIA OS LIVROS DA COLECÇÃO **KANSAS**

Últimos volumes publicados:

20 —	ORDEM DE DESERÇAO	R. C. Lindswall
21 —	CAÇADOR DE BANDIDOS	M. L. Estefania
22 —	«PELES VERMELHAS» DE NEBRASKA	Joe Sheridan
23 —	MARCADOS! ...	M L. Estefania
24 —	UM «GUN-MAN» BOM	Keit Luger
25 —	UM HOMEM DO OESTE	M. L. Estefania
26 —	O QUINTO HOMEM	Raf Segram
27 —	O DESTINO MARCA UMA ROTA	Fidel Praco
28 —	OS DOIS JIMMY BENTON	
29 —	A DAMA DO «COLT - FRONTIER»	M. L. Estefania A. Rolcest
30 —	A MORTE ESTÁ ESCRITA	M. L. Estefania

Preço: 8$00

À venda nas tabacarias

CALIFÓRNIA!

— O NOME DA MAIOR COLECÇÃO DE LIVROS DO OESTE PUBLICADA

- GRANDES AUTORES! EM PORTUGAL
- GRANDES LIVROS
- AS MELHORES HISTÓRIAS DE LUTAS E VIOLÊNCIA!

À VENDA EM TODA A PARTE

Preço: 8$00

CHUVA DE ESTRELAS

PIER ANGELI

EDITORIAL IBIS. LTDA.

DISTRIBUIDOR: LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. - RUA GARRET, 73 - LISBOA

PREÇO PARA PORTUGAL: 2$50